

A prática da circuncisão no Judaísmo em questão¹

The practice of circumcision in Judaism in question

NELSON ASNIS

Médico e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

RESUMO o presente artigo pretende discutir o ritual da circuncisão entre os judeus e a sua aplicabilidade contemporânea. Tem como objetivo perscrutar as polêmicas em torno do tema e questionar o ato dos pontos de vista histórico, médico e psicológico. A análise parte da discussão sobre a identidade judaica, suas características e definições, para então examinar o ritual da circuncisão nos dias de hoje.

ABSTRACT The present article discusses the rite of circumcision among Jews and its contemporary applicability. It aims to scrutinize the controversies surrounding the topic and question the act from the historical, medical and psychological points of view. The analysis starts with the discussion about Jewish identity, its features and definitions, and then examines the rite of circumcision today.

PALAVRAS-CHAVE Circuncisão; *brit milá*; tradições judaicas.

KEYWORDS Circumcision; *brit milah*; Jewish traditions.

Introdução

O EMPREGO DE RITUAIS DE MUTILAÇÃO² ACOMPANHA AS DIFERENTES SOCIEDADES ao longo da história da humanidade. Dentre esses rituais, a mutilação genital é a prática que mais desperta controvérsias aos olhos da civilização ocidental, sendo fruto de discussão inclusive entre os próprios praticantes. Mutilações genitais são realizadas universalmente em meninos e meninas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica quatro formas de mutilação feminina: remoção parcial ou total do clitóris, dos pequenos e grandes lábios, infibulação (costura dos lábios genitais com estreitamento do orifício vaginal) e intervenção com corte e perfuração para estreitar a vagina. Estima-se que 140 milhões de mulheres no mundo tenham sido mutiladas³. Entre os homens, a prática mais comum é a circuncisão. Essa prática parece ser realizada desde a pré-história humana, sendo impossível determinar seu berço geográfico, uma vez que tanto povos primitivos da América, África, Ásia e Oceania, quanto cristãos, islâmicos e judeus já a utilizavam como prática ritual. Apenas os povos de língua indo-germânica e os mongóis pareciam desconhecer esta prática.

A circuncisão, termo originado do latim *circuncidere*, que significa cortar ao redor, possui, no entender de um de seus primeiros e principais estudiosos, Arnold Van Gennep (2011), os objetivos de promover por meio da mutilação a modificação da personalidade do indivíduo de forma visível a todos e removê-lo da massa comum da humanidade, incorporando-o de forma permanente a um grupo específico através de traços indelévels.

Assim, a cerimônia da circuncisão diz respeito não somente ao indivíduo a ela submetido, mas também ao conjunto de pessoas que participam do ritual, reforçando, do ponto de vista antropológico, a identidade de um grupo social ou religioso.

Para certas tribos africanas, o principal objetivo dessa iniciação, realizada na floresta, é inculcar-lhes os valores tribais, como a habilidade para caçar. Um menino não circuncidado é chamado de *wunabulakutooka*, “a quem falta pureza”. Para os Arushas da Tanzânia, ser membro do grupo inclui a passagem pelos rituais de circuncisão. Entre os aborígenes australianos, trata-se de um ritual de iniciação com o juramento de respeitar pai e mãe, não correr atrás de mulheres que não a sua e não divulgar qualquer segredo dos homens às mulheres ou a meninos não iniciados. Entre os javaneses, o ritual é considerado uma confissão de fé e não pode ser realizado no aniversário de falecimento dos pais ou avós. Para os islâmicos, o profeta Maomé determinou a circuncisão, sendo considerada uma obrigação à qual todos têm que se submeter, sendo seguida de banquetes e festas. Com os cristãos, o ritual passou a ser realizado através do batismo, sendo a circuncisão feita não mais pela mão do homem, mas por Cristo.

No presente artigo, será tratado o tema da circuncisão dentro do judaísmo, buscando-se questionar a prática sob diferentes perspectivas.

Moacyr Scliar (1985), em seu livro “A condição Judaica”, lembra que “questionar faz parte da condição judaica. É próprio do judaísmo não aceitar as coisas simplesmente porque elas têm atrás de si o peso da autoridade e neste sentido os próprios profetas são exemplos eloquentes. Raramente a história viu questionadores tão atrevidos e corajosos como os profetas bíblicos, modelos de reformadores sociais” (SCLIAR, 1985, p. 09).

O questionamento e o contraditório sempre fizeram parte da chamada identidade judaica. O que é ser judeu? Quem define o que é ser judeu? Parece evidente que existem várias formas de ser judeu. Para muitos, ser judeu é se sentir judeu e viver dentro dos valores éticos propostos pelo judaísmo.

A discordância sempre estimulou a reflexão, mantendo o judaísmo pujante.

Reza a lenda que um judeu encontrava-se solitário em uma ilha deserta. A primeira atitude que tomou para sobreviver foi construir duas sinagogas: a primeira na qual ele entraria para rezar; já a segunda seria aquela na qual ele nunca, mas nunca mesmo pisaria. A metáfora evidencia a necessidade vital do judaísmo pela construção do contraditório.

Isaac Singer nos fala de um senhor que, ao voltar da cidade de Vilna, disse a um amigo que imaginava serem os judeus um povo muito diferente, pois lá havia um judeu revolucionário, generoso em relação ao dinheiro, um judeu que só pensava em mulheres, um judeu que só estudava... O amigo nada estranhou, uma vez que em Vilna viviam muitos judeus, ao que o senhor retrucou: estava falando do mesmo judeu (BURGIN, 1978).

Essas vinhetas ilustram as marcas fundamentais do judaísmo: sua diversidade e o apreço pelos múltiplos olhares sobre um mesmo fenômeno. Dois judeus, três opiniões, brincam os próprios judeus. Contestar verdades absolutas, desconfiar do unânime e ter liberdade para a crítica são alicerces da educação de um judaísmo plural forjado no respeito às diferenças.

Assim, este trabalho tem o propósito de analisar criticamente as bases que dão sustentação ao procedimento da circuncisão dentro do judaísmo. O trabalho procura questionar a prática da circuncisão no judaísmo como dogma, buscando mostrar, através dos referenciais histórico e religioso, médico e psicológico, a argumentação daqueles que contestam a prática da circuncisão como condição *sine qua non* para ser considerado judeu.

O judaísmo se sustenta sobre uma tríade composta por sua milenar história, seus valores éticos e seus dogmas religiosos. Para muitos, incorporar

essa história como sua e respeitar os valores éticos não seriam suficiente para ser judeu: há que seguir à risca seus rituais e preceitos dogmáticos. No entanto, nem todos os judeus pensam assim.

Mas afinal quem é judeu? Sigmund Freud é tão judeu quanto um religioso ultraortodoxo? Sim, sem dúvida para muitos. Sem dúvida não, para outros tantos.

Vivemos uma época de fundamentalismos que buscam impor verdades absolutas e dogmas a serem seguidos sem questionamentos. Se, para ser judeu, é necessário frequentar a sinagoga, comer de acordo com a *kashrut* (leis dietéticas judaicas), usar *kipá* (solidéu) e rezar diariamente, então deixaremos de ser judeus tão somente no entender de um religioso ortodoxo, que assim preconiza; ou seja, continuaremos sendo judeus. Ser judeu, sob tal perspectiva, significa sentir-se judeu, levando adiante sua história e os valores éticos aprendidos em casa, honrando quem verdadeiramente nos tornou judeu: nossos pais.

O embrião de um judaísmo plural

Burns (1977) entende que nenhum dos povos do antigo Oriente, com exceção talvez dos egípcios, foi mais importante que os hebreus para o mundo moderno. O escritor salienta que os judeus sempre sofreram influências de outras civilizações, possuindo a capacidade de se miscigenar sem perder sua identidade e seus valores.

Desde os primórdios da história do judaísmo, vemos exemplos desse convívio. Armstrong (1996) ressalta como os jebuseus colaboraram com os israelitas; Davi contou com a experiência desse povo para administrar Jerusalém. Ao contrário do que preconizam os ortodoxos de hoje, os judeus da época não tinham receio de influenciar e se deixar influenciar por outros povos. Os egípcios, por

exemplo, muito provavelmente ensinaram aos judeus métodos administrativos, uma vez que os utilizados por Davi e Salomão eram semelhantes aos do faraó. Da mesma forma, a lei hebraica baseou-se na antiga cultura babilônica, a filosofia sofreu influência dos gregos, e, graças ao contato com hititas, egípcios e babilônios, os judeus desenvolveram a agricultura, o comércio, a escrita e o uso do ferro. Assim, reitera Armstrong (1996), os hebreus nunca consideraram um dever sagrado distanciar-se de outros povos, algo que se tornaria norma após o exílio na Babilônia.

Quanto às leis de admoestação aos casamentos mistos (até hoje muito discutidas e criticadas), essas não parecem ter influenciado os expoentes Davi e Salomão. Davi conquistou o coração de Betsabeia, uma jebuseia com a qual deu à luz seu famoso filho Salomão. Após unir as 12 tribos em um só Estado e governar por 40 anos em um dos mais profícuos períodos da história hebraica, Davi fez do filho Salomão seu sucessor natural. Ele, descrito como um dos mais inteligentes e corretos líderes, organizou um harém com 700 esposas e 300 concubinas, dentre as quais se destaca a rainha de Sabá. Após a morte de Salomão, as tribos se dividiram. As do norte apresentavam estilo de vida urbano, acostumadas à influência estrangeira; as do sul, ao contrário, eram formadas essencialmente por pastores e lavradores, que tinham verdadeira aversão pelo mundo não hebreu. Esses dois movimentos migratórios estabelecem historicamente duas formas clássicas de apresentação do judaísmo que perduram até os dias de hoje, o que interage e o que se fecha em si mesmo, esse último certamente influenciado pelas inúmeras perseguições sofridas ao longo dos tempos.

Desde então, o judaísmo sempre transitou entre o temor da abertura ao mundo externo e uma faceta liberal que dialoga sem receios com o não

hebreu. No século IX AEC, os líderes hebreus tinham verdadeira aversão pela civilização, incentivando o povo a morar em tendas e se manter afastado de tudo que poderia representar modernidades civilizatórias. Já nos séculos VIII e VII, a revolução dos Profetas levou o judaísmo para um viés progressista, dando maior ênfase aos princípios éticos e de justiça do que aos ritos e sacrifícios. Burns (1977, p. 119) entende que os ideais da revolução profética representaram “a mais alta perfeição da religião hebraica”. Em lugar de valorizar a vida no além, voltavam-se às necessidades e vicissitudes da vida real; a finalidade da religião judaica era social e ética, preocupada em promover uma sociedade mais justa e harmônica, sem apegos a crenças no céu ou no inferno. Com o Cativo da Babilônia, de 586 a 539 AEC, a religião voltou a adotar medidas próprias da ortodoxia, com a instituição do shabat, compromissos com a sinagoga, distinção entre alimentos puros e impuros e a prática da circuncisão. No entanto, se lembrarmos que, historicamente, o judaísmo apresenta um caráter tribal, teremos aí o ponto de partida para examinarmos as diferentes formas de exercê-lo e, por conseguinte, de pensarmos a circuncisão.

Diferentes concepções de judaísmo e como entendem a circuncisão

O Talmud⁴ considera que todos os seres humanos são diferentes entre si. Os judeus somam hoje cerca de 13 milhões de pessoas, e não são poucas as formas de pensar e exercer o judaísmo. Iremos nos debruçar de forma sucinta sobre as principais concepções e/ou formas de pensar o ser judeu: Judaísmo Ultraortodoxo (*Haredi*), Judaísmo Ortodoxo, Judaísmo Conservador, Judaísmo Hassídico, Judaísmo Reconstrucionista, Judaísmo Fundamentalista, Judaísmo Reformista e Judaísmo Secular.

A característica fundamental do Judaísmo Ultraortodoxo (*Haredi*) pode ser apreendida da origem das palavras: ortodoxo, etimologicamente, provém de *orto* (correto) e *dox* (crença). Um ortodoxo, portanto, carrega em si a certeza de suas ideias, a convicção de que sua crença é a correta. *Haredim* significa “aqueles que temem”, o que demonstra a forma como se relacionam com Deus, com o mundo e com as outras pessoas que não as do seu grupo. São denominados ultraortodoxos, pois não aceitam se inserir no mundo secular moderno, considerando isso uma blasfêmia. Os outros que não eles são considerados impuros e sua concepção de vida está centrada única e exclusivamente no estudo da Torá. Preservar as coisas como sempre foram (mantendo hábitos, vestimentas e costumes de suas aldeias da Polônia do século XIX) é um objetivo de vida. Muitos se recusam a ter aparelhos de televisão e telefones celulares, negando-se inclusive a aprender e falar outros idiomas que não o seu. Muitos ultraortodoxos são contrários ao Estado de Israel atual, considerando-o secular em demasia, em profunda discordância com suas concepções messiânicas. Para os *Haredim*, a data da proclamação do Estado de Israel é um dia de pesar, marcado com jejum, luto e penitências, uma vez que tal proclamação só poderia ocorrer com o retorno do Messias.

Os judeus ortodoxos (Judaísmo Ortodoxo) são chamados de “modernos”, pois buscam integrar o sagrado ao secular. Entendem que suas crenças não devem servir de justificativa para que se afastem do mundo como os ultraortodoxos (*haredim*). Assim, para o judeu ortodoxo, as expressões artísticas, o estudo de uma profissão, a literatura e os valores de uma comunidade devem ser incorporados ao jeito de viver. O expoente dessa vertente do judaísmo foi Samson Hirsch, que deixava clara a possibilidade de convívio entre os ensinamentos da cultura ocidental e os da Torá.

O Judaísmo Conservador ocuparia uma posição mais central, tendo, à sua direita, os ortodoxos e, à esquerda, os reformistas. Assim os Conservadores preservam os rituais da Torá, discordam dos reformistas quanto ao rito da circuncisão e ao princípio de descendência patrilinear, mas igualmente não partilham dos preceitos dos ortodoxos quanto ao engessamento no comportamento de seus integrantes. Ao contrário desses últimos, os judeus conservadores podem dirigir automóveis, e mulheres e homens sentam juntos na sinagoga. Os conservadores encontram algum espaço para ajustes entre as milenares leis judaicas e os tempos atuais.

O Judaísmo Reacionista é uma vertente que vê o judaísmo muito mais como uma cultura do que uma religião, valorizando, no entanto, a prática ritual como elemento desta herança, tendo a sinagoga como o local desta práxis.

O Hassidismo (Judaísmo Hassídico) foi criado por Israel Ben Elieser nos anos 1700 para que judeus menos instruídos, impossibilitados de buscar erudição, pudessem praticar o judaísmo através dos sentimentos e da espiritualidade, correlacionando a religião à alegria, e não ao temor ou à ira divina. A ortodoxia judaica inicialmente viu essa vertente como uma ameaça, uma vez que, para os ortodoxos, somente os estudos poderiam levar a Deus. O Hassidismo dá maior ênfase aos aspectos da oração na busca de Deus.

Karen Armstrong assinala que as reações contrárias e favoráveis ao surgimento do Estado de Israel estão por trás do aparecimento do fundamentalismo judaico (Judaísmo Fundamentalista). Muitos sionistas eram ateus, socialistas ou marxistas e, por conseguinte, rejeitavam a religião, inferindo que a mesma acarretava um comportamento de espera passiva e alienante pelo Messias. Mergulhados em estudos bíblicos ou atividades místicas, os judeus fundamentalistas entraram em guer-

ra ativa contra a secularização de Israel. Recuperar o sionismo para a religião, voltando-o tão somente para o estudo bíblico, aguardar a chegada do Messias e combater o judaísmo secular talvez sejam as propostas principais dos fundamentalistas.

O Judaísmo Reformista defende a autonomia do indivíduo, aceitando e incentivando as várias e diferentes formas de ser judeu. Um reformista poderá ou não seguir crenças e práticas tradicionais. Igualmente, a descendência patrilinear foi aprovada, ou seja, filhos de pais judeus com mães não judias podem ser considerados judeus sem a necessidade de conversão. Em 1990, nos Estados Unidos, a maior porcentagem de judeus (38%) identificava-se como reformistas. O fato de essa vertente entender que a Torá foi escrita pelo homem e não por Deus permeia a filosofia de se permitir repensar as relações de crenças e ritos, adaptando-as aos tempos modernos. Caso isso não ocorra, entendem os reformistas, grande número de pessoas abandonará o judaísmo.

Os judeus seculares (adeptos do Judaísmo Secular) se consideram praticantes dos valores, das boas ações e da compaixão, rejeitando a necessidade de uma base religiosa para exercer tais atitudes. Curiosamente, os judeus talvez sejam os menos fervorosos dos grupos religiosos do mundo. Possivelmente, a maioria dos judeus permanece secular ou não religiosa. O Estado de Israel, conforme mostra pesquisa obtida pelo jornalista Hélio Schwartzman,⁵ está entre as 20 primeiras nações com maior proporção de ateus e agnósticos do mundo, sendo que, em 1995, cerca de 50% da população se dizia não religiosa, contra 20% de ortodoxos.

Para os reformistas e seculares, a circuncisão não é necessária para que um indivíduo seja aceito como judeu. Já para as demais vertentes, é considerada condição essencial para pertencer ao judaísmo, sendo um dos rituais mais sagrados da religião,

elo entre o indivíduo e seu Criador. Pela lei judaica, o ritual deve ser realizado no oitavo dia após o nascimento, quando, supostamente, a capacidade de entendimento do indivíduo não foi ainda estabelecida. Para essas vertentes do judaísmo, a circuncisão subjuga os desejos do corpo físico à vontade de Deus, tornando-o temente ao Criador, com uma moral superior aos anseios da carne.

Questionando a circuncisão no judaísmo

A prática da circuncisão vem sendo empregada ao longo dos tempos de forma ritualística, passada transgeracionalmente de pai para filho, sem questionamentos e sem maiores reflexões acerca de sua validade e de potenciais malefícios para quem é submetido a ela. O trabalho, doravante, propõe-se a analisar criticamente a circuncisão, fundamentando-se em três eixos básicos de sustentação teórica: Histórico-religioso, Médico e Psicológico.

Eixo Histórico-religioso

O exame da circuncisão judaica a partir de um olhar histórico-religioso exige que nos debruçemos sobre a relação entre circuncisão judaica, culpa e punição. A circuncisão denomina-se, em hebraico, *brit milá*, que significa “pacto” (*brit*) e “cor-te de uma parte” (*milá*).

Abraão, segundo a Bíblia, foi o primeiro homem circuncidado. Diferentemente das práticas atuais, realizadas no oitavo dia de nascimento, o patriarca realizou o corte de seu prepúcio aos 99 anos, supostamente já em condições de decidir acerca de um procedimento em seu próprio corpo.

O ritual da circuncisão ocupou, nesse caso, o lugar do sacrifício de seres humanos, tendo sua origem histórico-religiosa nas relações punitivas de Deus para com seus súditos. Em Canaã, os ju-

deus eram obrigados a sacrificar o primogênito, enterrando seu corpo na entrada da casa. Deus disse para Abraão: “vai e mata teu filho, teu único filho, aquele que te dei”. O patriarca temente se propôs a sacrificar seu filho Isaac quando, na última hora, recebeu uma mensagem de que poderia substituir a morte da criança pela de um cordeiro.

Ao vagar pelo deserto em busca da terra prometida, os judeus abandonaram a prática da circuncisão, e tampouco Moisés foi circuncidado. Ao chegar à terra prometida e tendo abandonado o pacto filicida, os judeus, em momento algum por solicitação divina, procederam ao sacrifício do corte do prepúcio, buscando, através dele, reiterar o pacto com Deus. Em Deuteronômio 10:16, a Bíblia diz: “circuncida o prepúcio do teu coração e não sejas mais intransigente”. Em Deuteronômio 30:6, temos: “O Senhor teu Deus circuncidará teu coração e o coração de teus descendentes para que tu ames o Senhor teu Deus com todo teu coração e alma a fim de que possas viver.”

Em momento algum, a Bíblia ou qualquer outro texto sagrado do judaísmo nos fala sobre a necessidade ou exigência divina para a circuncisão. Tampouco a necessidade da circuncisão aparece nos dez mandamentos das Tábuas da Lei. A Bíblia, por sua vez, nos fala em “circuncidar o prepúcio do teu coração”. É importante atribuir a circuncisão à obra de um homem temente, culpado e, por conseguinte, mutilador. Justificativas médicas não nortearam as origens históricas da circuncisão, mas sim, religiosas. Quando as justificativas religiosas se tornaram frágeis à luz da evolução dos tempos, a prática buscou argumentações médicas para justificá-las, respaldo que será também contestado mais adiante.

A circuncisão judaica, portanto, está historicamente vinculada à punição e à expiação de culpas, sendo criada por homens tementes como um

substitutivo do sacrifício do primogênito por um Deus punitivo, que dizia a Abraão: “vai e mata teu filho, teu único, aquele que te dei”. Seria, contudo, justificável assegurar a simpatia de Deus, mostrar ao Senhor sua gratidão, sua submissão, seus temores, valendo-se do corpo de outro ser humano, no caso o filho?

Aqui tem início uma delicada discussão: de que Deus estamos falando? Um Deus bondoso, compreensivo, tolerante? O “Deus de Spinoza”, que não julga, não critica, não castiga? Ou o “Deus de Saramago” (SARAMAGO, 2009), um senhor tão cruel e rancoroso que devora seus filhos, pedindo que os primogênitos sejam sacrificados?

Seja como for, a história nos mostra contestações à circuncisão dentro do judaísmo. Ao longo dos tempos, lideranças mais liberais, como Rabi Joshua, têm aceitado o banho no ritual do batismo como liberador de impurezas, sem o rito da circuncisão, conforme pode ser lido no folio 46a do tratado talmúdico Yevamot:

Nossos rabinos ensinaram: “Se um prosélito foi circuncidado, mas não realizou a ablução ritual prescrita, R. Eliezer disse: ‘Eis que ele é um prosélito adequado; pois nossos patriarcas foram circuncidados e não realizaram ablução ritual.’ Se ele executou a ablução determinada, mas não foi circuncidado, R. Joshua disse: ‘Eis que ele é um prosélito adequado; pois nossas matriarcas realizaram ablução ritual, mas não foram circuncidadas.’”

Eixo médico

A prática da circuncisão passou a ser respaldada por argumentos de ordem médica que a preconizam com vistas à prevenção de câncer cervical (mulher) e do pênis (homem). A literatura demonstra que mulheres casadas com homens circuncidados

apresentam uma frequência menor de câncer cervical e que judeus circuncidados praticamente não apresentam câncer de pênis (MADEN, 1992; TRAC-TEMBERG, 1977). No entanto, o contraponto do exposto é que povos que praticam uma rigorosa higiene genital e/ou com diminuta frequência de doenças venéreas, mesmo não circuncidados, possuem ínfima incidência desses tipos de câncer (SUMITHRAN, 1977). Tudo indica que esses outros fatores, muito mais do que a circuncisão, protegeria dessas enfermidades. A Finlândia, por exemplo, onde a prática da circuncisão é extremamente rara, possui uma baixíssima taxa de câncer de pênis (MAICHE, 1992).

Devemos considerar, igualmente, que a irrisória incidência de câncer de pênis no homem, confrontada com os riscos de complicações advindas da circuncisão, desestimulariam a indicação desta com propósito profilático. Quanto ao câncer cervical na mulher, os fatores de risco incluem baixo nível socioeconômico dos parceiros e, principalmente, promiscuidade sexual, falta de higiene e recorrência de doenças sexualmente transmissíveis. Tractenberg (1977, p.120) analisa criticamente o fator circuncisão, observando que este nunca aparece como primeira variável entre os demais fatores etiológicos do câncer cervical. Da mesma forma, os povos praticantes da circuncisão possuem baixa frequência de câncer cervical, porém não menor do que os povos que promovem rigorosa higiene do pênis e que não praticam esse ritual.

Circuncisão não é sinônimo de higiene genital. O argumento profilático cai por terra. Tractenberg (1977) lembra que a apendicite causa muito mais mortes a cada ano nos Estados Unidos do que o câncer de pênis e nem por isso é recomendada a retirada profilática cirúrgica do apêndice. Tractenberg reitera que argumentações de ordem médica parecem bastante questionáveis, na medida em que

se preconizaria uma intervenção cirúrgica não destituída de complicações, assinalando que, na Inglaterra, morrem cerca de quinze meninos por ano devido a complicações advindas da circuncisão.

As principais complicações advindas da circuncisão são: hemorragia (incide em cerca de 2% dos procedimentos, podendo, em casos mais severos, levar a choque hipovolêmico e óbito); sepsis (a infecção da ferida operatória é uma complicação frequente, particularmente quando realizada em locais com baixa assepsia, e pode levar à necrose parcial do pênis); laceração do pênis; lesões na glândula; linfedema; fistulas uretrais; complicações devidas a falhas na técnica de curativos de contenção da hemorragia (TRACTEMBERG, 1977; MILOS, 1998; COSKUNFIRAT, 1999; PATEL, 2001).

É necessário também ter em mente a importância do prepúcio, que tem a função de proteção da glândula do pênis, e sua remoção expõe essa zona desnecessariamente.

Convém lembrar, por fim, que a circuncisão é um procedimento cirúrgico, com todos os riscos inerentes a uma intervenção cirúrgica. Por se tratar de um procedimento médico, essa intervenção, se realizada por indivíduos não habilitados à prática da medicina, constituirá em exercício ilegal da atividade.

Eixo Psicológico

Na perspectiva da escola freudiana, a circuncisão está inconscientemente associada à castração (FREUD, 1910). Freud demonstra, em seu ensaio *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), que a circuncisão tornou-se um substitutivo atenuado da castração e que este ritual poderia acarretar uma intensificação da chamada ansiedade de castração presente na estruturação psíquica de todo o ser humano. Tal ansiedade, assim, uma vez potencializada, poderá, na dependência

das predisposições do indivíduo, levá-lo a uma dificuldade de funcionar adequadamente dentro da esfera da genitalidade, podendo, em consequência, desenvolver quadros fóbicos ou obsessivos como estão a demonstrar os clássicos trabalhos de Freud sobre o pequeno Hans e o Homem dos lobos (FREUD, 1909; 1918 [1914]).

No ensaio *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939 [1934-38], p. 136) reitera que a circuncisão seria o substituto simbólico da castração, enfatizando seu caráter punitivo e coercitivo, quando assinala que “o pai primevo infligira aos filhos na plenitude de seu poder absoluto e todo aquele que aceitava esse símbolo demonstrava através disso que estava preparado para submeter-se à vontade do pai, mesmo que esta lhe impusesse o mais penoso sacrifício”.

Laurini (1974, p. 131), por sua vez, trabalha com a hipótese de que a circuncisão ocuparia um importante papel no desenvolvimento de traços de personalidade de submissão, limitando a capacidade de reação frente a ataques externos persecutórios.

É preciso também tecer um questionamento sobre o direito dos pais de impor a um filho saudável a retirada de seu prepúcio sem o seu consentimento, eis que tal procedimento se constitui em uma intervenção cirúrgica eletiva, diferentemente de outras intervenções profiláticas unanimemente aprovadas (como vacinas, por exemplo).

Considerações finais

O judaísmo tem avançado na aceitação (ou para muitos, tolerância) dos casamentos mistos, da não exigência do regime alimentar *kasher* ou mesmo da frequência às sinagogas para o SER JUDEU. Talvez tenha chegado o momento de se refletir sobre a flexibilização da circuncisão sem temores de que todas essas mudanças irão promover o desaparecimento do judaísmo.

Dário Sztajnszrajber (2007), um dos protagonistas na Argentina desse judaísmo aberto, plural e não excludente, ao debater o judeu no século XXI, relata:

(...) meu pai é um sobrevivente da Shoah, não foi possível circuncidá-lo em meio à guerra. Anos depois, quando nossa família chegou à França, não o deixaram entrar em uma sinagoga. A regra sobrepujou ao amor, mas meu pai amou seu judaísmo e o transmitiu a sua maneira. Espero que meus filhos sejam livres para amar. Nunca deixarei de recordar-lhes que só há três maneiras de ser judeu: bem, mal ou do modo que eles queiram. (SZTAJNSZRAJBER, 2007, p.21)

Por fim, cabe destacar que o presente trabalho não tem o objetivo de propor que não mais seja realizada a circuncisão, mas sim de que seja respeitado o livre-arbítrio daqueles, não menos judeus, que estão em desacordo com essa prática.

NOTAS

1 Este trabalho foi desenvolvido em estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, sob a supervisão da Dra. Cláudia Wasserman.

2 No presente trabalho, o termo “mutilação” será empregado em seu sentido primeiro e estrito de “ato ou efeito de mutilar, cortar (uma parte qualquer do corpo)”, despido da carga pejorativa que se associou ao vocábulo devido ao uso em diferentes situações e contextos.

3 Dado extraído do site da OMS. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/es/>. Acesso em: 02/08/2015.

4 Talmud: trata-se da mais importante coleção da tradição oral judaica de interpretação da Torá.

5 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/1090358-ateus-de-jeova.shtml>. Acesso em: 02/08/2015.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalem: One City, Three Faiths*. Nova York: Ballantine Books, 1996.

BOYARIN, Daniel. *Israel Carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

BURGIN, Richard. “Isaac Bashevis Singer talks... about everything”. *The New York Times Magazine*, Nova York, p. 24, 26 nov. 1978.

BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

COSKUNFIRAT, O. et al. “Glans and penile skin amputation as a complication of circumcision”. *Annals of Plastic Surgery*, v. 43, p.457, 1999.

FREUD, Sigmund. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”. In: J. Strachey (ed. e trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 10, pp. 11-133). Rio de Janeiro: Imago, 1909/1969.

_____. "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância". In: J. Strachey (ed e trad). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 11, pp. 69-141). Rio de Janeiro: Imago, 1910/1969.

_____. "História de uma neurose infantil". In: J. Strachey (Ed e Trad). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 17, pp. 15-127). Rio de Janeiro: Imago, 1918 [1914] /1969.

_____. "Moisés e o monoteísmo". In: J. Strachey (ed e trad). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. 23, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago, 1939 [1934-38]/1969.

GONTOW, Nelson. *Brit Milá*. Coleção Ciência e Judaísmo. São Paulo: Editora Tseman, 1994.

LAURINI, Heládio Correa et al. *Circuncisão, o mito e o rito, o sexo e a repressão*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1974.

MADEN, Christopher et al. "History of circumcision, medical conditions and sexual activity and risk of penile cancer". *Journal of the National Cancer Institute*, v.85 n.1, pp.19-24, 1992.

MAICHE, A. G. "Epidemiological aspects of cancer of the penis in Finland". *European Journal of Cancer Prevention*, v. 1 n.2, pp. 153-158, 1992.

MILOS, Marilyn F. "Significantly increased complication risks with mass circumcisions". *British Journal of Urology*, v. 81, p. 341, 1998.

PATEL, Haroon I. et al. "Genitourinary injuries in the newborn". *Journal of Pediatric Surgery*, v. 36 n.1, pp. 235-239, 2001.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

SCLIAR, Moacyr. *A Condição Judaica*. Porto Alegre: Editora LPM, 1985.

SUMITHRAN, E. "Rarity of Cancer of cervix in the Malaysian Orang Asli despite the presence of known risk factor". *Cancer*, v.39 n.4, pp. 1570-1572, 1977.

SZTAJNSZRAJBER, Dario. *Posjudaísmo, debates sobre lo judío en el siglo XXI*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

TRACTENBERG, Moises. *Psicanálise da Circuncisão*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1977.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.